

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....03

I - AS OFICINAS: TEMA E METODOLOGIA.....04

II – IDENTIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL QUILOMBOLA.....11

III – SUGESTÕES PARA A CARTILHA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....19

INTRODUÇÃO

Este relatório é uma descrição sucinta das atividades de devolução dos resultados do Inventário Nacional das Referências Culturais das Comunidades Quilombolas do Sapê do Norte em forma de oficinas realizadas nessas comunidades. Organizamos quatorze oficinas onde exibimos imagens fotográficas, mapas e o vídeo que registraram as referências culturais das comunidades e agrupamentos quilombolas.

O tema central dessas oficinas versou sobre a relação entre “Identidade, memória e patrimônio cultural”, tendo sempre a preocupação em levantar sugestões dos participantes acerca do que seria relevante, para eles, que constassem na cartilha de educação patrimonial. Deste modo, nas oficinas foram retomados, pelos próprios participantes, várias questões e temas que já haviam sido verificados no decorrer da pesquisa que culminou neste Inventário. Assim, este relatório trata dos temas discutidos nas oficinas e das sugestões levantadas para a elaboração da cartilha de educação patrimonial.

I - AS OFICINAS: TEMA E METODOLOGIA

O presente relatório é resultado de 14 oficinas realizadas com as comunidades quilombolas do Sapê do Norte, onde o tema central foi “memória e educação patrimonial”. Essas oficinas ocorreram em localidades e datas conforme as listas de presença anexas e a relação no quadro abaixo.

LOCALIDADE	MUNICÍPIO	DATA	Nº DE PARTICIPANTES
Hotel Marina Porto da Barra	Conceição da Barra	18 e 19/07/2009	70
Escola de Linharinho	Conceição da Barra	31/07/2009	20
Escola Bernadete Bastos, em São Cristóvão	São Mateus	01/08/2009	33
Escola de Nova Vista	São Mateus	02/08/2009	23
Escola de Mário Florentino, em São Domingos	Conceição da Barra	07/08/2009	49
Escola Deolinda Lages, em Povoado de Santana	Conceição da Barra	08/09/2009	21
Núcleo familiar de Amadeu Cardoso, em Córrego de Santana.	Conceição da Barra	09/08/2009	08
Templo da Igreja Católica da comunidade de Roda D'água.	Conceição da Barra	09/08/2009	15
Escola (desativada) da comunidade de Angelim Porto dos Tocos.	Conceição da Barra	10/08/2009	12
Escola da Vila de Itaúnas	Conceição da Barra	14/08/2009	207
Escola da comunidade de São	São Mateus	14/08/2009	25

Jorge			
Escola da comunidade de Palmitinho	São Mateus	15/08/2009	21
Terreiro da Luzete	Conceição da Barra	16/08/2009	15
Igreja de São Bartolomeu, em Santana. Reunião / oficina com professores e lideranças	Conceição da Barra	29/08/2009	50
TOTAL DE OFICINAS: 14	TOTAL DE PARTICIPANTES:569		

Na oficina “Memória e Educação Patrimonial”, que foi realizada em dois dias no Hotel Marina Porto da Barra, conforme quadro acima, a cerimônia de abertura foi liderada pelas quilombolas Olindina Serafim do Nascimento, Elda dos Santos (Miúda), Valdentora dos Santos (Baiquinha) e Gessy Cassiano, sendo a primeira moradora da cidade de São Mateus e estudante do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo e as demais integrantes da comunidade de Linharinho. A cerimônia iniciou-se com uma canção em homenagem aos ancestrais dos negros brasileiros, que dizia:

*Meu quilombo 'tá lindo como o quê (bis)
 Vou chamar Negro Rugério pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Zacimba Gaba pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Zumbi pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Dandara pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Hilário pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Luiz de Hilário pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Jerônimo pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).*

*Vou chamar Francelina da Felicidade pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Deolinda da Conceição pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Valdemar Laudêncio pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Marcelino Duarte dos Santos pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).
 Vou chamar Hermógenes pra vir ver
 Meu quilombo 'tá lindo como o quê (4 vezes).*

A canção acima incentiva a valorização da memória dos ancestrais, pois, enquanto os participantes da cerimônia lembrarem, ela não tem fim.

Em seguida, as integrantes da comunidade de Linharinho dão continuidade à valorização da memória do patrimônio cultural das comunidades quilombolas cantando uma canção – *um ponto nagô* - da Mesa de Santa Bárbara de Linharinho, enquanto aspergiam água com um ramo verde sobre os participantes da oficina.

Veio, logo depois, a composição de uma mesa com representantes das instituições presentes, como Domingos Firminiano dos Santos, da Comissão das Comunidades Quilombolas do Sapê do Norte; Jonas Balbino, da Associação de Folclore de Conceição da Barra; Jonas Bonomo - Secretário Municipal de Cultura de São Mateus; Ana Angélica Valpassos Motta – Secretária Municipal de Cultura e Turismo de Conceição da Barra; Madalena Dionísio, da Secretaria Municipal de Educação de São Mateus; Cláudia Alves, da Secretaria Municipal de Educação de Conceição da Barra; Condebalde de Menezes, da Secretaria de Estado da Cultura e Tereza Carolina de Frota Abreu – Superintendente do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) no Espírito Santo.

Entre os componentes da mesa, do lado do poder público, a Superintendente do IPHAN no Espírito Santo defendeu as políticas públicas de valorização e de inclusão cultural, enfatizando a importância do Inventário das Referências Culturais realizado com as comunidades quilombolas do Sapê do Norte como um instrumento de valorização da cultura dessas comunidades. Do lado das comunidades quilombolas, destacamos o discurso de Domingos Firminiano dos Santos (o Chapoca), da Comissão Quilombola do Sapê do Norte,

que valorizou uma história de conflitos, repressão e impactos sofridos pelos negros de São Mateus e Conceição da Barra. Em seu discurso, deu grande ênfase à inviabilidade do estilo de vida tradicional dos quilombolas com a implementação da monocultura de eucalipto e cana-de-açúcar. O mesmo participante falou da necessidade de lutar não só pela terra, mas, também, pela água, pelas casas de farinha e todos os bens culturais que possibilitam a manutenção material e simbólica das comunidades quilombolas. Chapoca criticou a atuação de representantes governamentais que, segundo ele, não dialogam com as comunidades e reconheceu a importância do Inventário enquanto base científica que fornece subsídio científico e didático para a luta das comunidades quilombolas por seus direitos. Afirmou que Osvaldo Martins de Oliveira, coordenador do Inventário, foi o primeiro antropólogo a realizar trabalho com as comunidades do Sapê do Norte em meados dos anos noventa do século XX. O mesmo representante dos quilombolas denunciou publicamente as dificuldades enfrentadas pelas crianças quilombolas, que precisam acordar quatro horas da madrugada para ir às escolas de Ensino Fundamental localizadas na cidade de Conceição da Barra. Ainda do lado dos quilombolas, Jonas Balbino, presidente da Associação de Folclore de Conceição da Barra, defendeu a necessidade de os grupos avaliarem atentamente o vídeo-documentário produzido para que apenas informações verdadeiras, a respeito da cultura das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, circulem pelo país. Jonas ainda criticou a postura da atual gestão de seu município que não respeita os grupos culturais ali existentes.

A representante da Secretaria Municipal de Educação de Conceição da Barra, senhora Cláudia Alves, defendeu o poder público municipal das críticas dos representantes quilombolas, exaltando a *seriedade da gestão pública atual* e afirmou que a Secretaria está com as portas abertas para todas as comunidades. Para finalizar, respondeu a fala de Chapoca dizendo que o momento atual é de união e não de confronto, e que qualquer projeto e solicitação das comunidades podem ser encaminhados à prefeitura, pois não as quer como inimigas.

A Secretária de Cultura e Turismo de Conceição da Barra, Ana Angélica, afirmou que entende o turismo e a cultura de seu município vinculados à questão

étnica e destacou o pioneirismo de sua atuação em uma outra gestão anterior, quando nenhum órgão público reconhecia a existência das comunidades quilombolas no município. Destacou, ainda, que em seu município existem 17 grupos culturais de adultos, 5 grupos mirins ativos e 8 grupos mirins em formação. Ressaltou a importância do Inventário enquanto um meio de sistematização de dados e instrumento importante para a criação de políticas públicas. A Secretária propôs ao Secretário de Cultura de São Mateus, que estava presente à mesa de abertura, criar ações integradas para beneficiar as comunidades e elaborar uma lista de materiais permanentes usados pelos grupos culturais.

Condebalde de Menezes, representante da SECULT (Secretaria de Estado da Cultura) no evento, apresentou aos grupos o Historiador Luciano Venturim, que é funcionário do quadro permanente da SECULT e ressaltou a importância de envolver o historiador para que o trabalho tenha continuidade, independente dos funcionários que formam o quadro provisório deste órgão do poder público.

Depois da exibição do vídeo-documentário para a apreciação dos representantes dos grupos e das comunidades, vieram os comentários. Em uma reunião realizada pela equipe com os mesmos representantes na cidade de São Mateus em 20 de junho de 2009, o mestre Tertolino Balbino havia solicitado alteração de uma das canções que compôs a trilha do vídeo. Nesta reunião, o mesmo mestre havia afirmado que o ritmo da canção estava mais lento do que o momento que estava sendo representado pelo baile. A equipe se comprometeu a fazer os ajustes solicitados. Nesta oficina de 18 e 19 de julho, apesar de achar que ainda havia um certo descompasso entre o ritmo da trilha no momento do Ensaio Geral do Ticumbi de Conceição da Barra, Tertolino afirmou que estava satisfeito com o resultado do trabalho. A ausência de observações de integrantes de outros grupos e representantes das comunidades levou Jonas Balbino a ressaltar a importância de todos se manifestarem.

A programação desta oficina seguiu com uma palestra da pedagoga e advogada Nelma Gomes Monteiro com o título “As questões quilombolas entre o formal e o real: resistências e diálogos”, focalizando identidade, memória e patrimônio cultural. Em seguida, antes das orientações para a oficina propriamente

dita a equipe retomou a agenda das oficinas que ocorrerão nas comunidades e que foi construída na reunião em São Mateus no dia 20 de junho de 2009. Na mesma reunião surgiu a proposta de lançar o vídeo-documentário no Cine Metrópolis, da Universidade Federal do Espírito Santo, que foi endossada na mesma oficina. Defenderam que o tal lançamento proporcionará maior visibilidade e dará a chance de muitos quilombolas irem ao cinema pela primeira vez. O passo seguinte da programação foi a formação de dois grupos de trabalho: um sobre produção de farinha de mandioca e beiju e outro sobre as celebrações festivas dos grupos de *reis-de-boi* para os Reis Magos e dos *bailes dos congos* para São Benedito. A programação do dia 18/07/09 se encerrou com a apresentação do grupo do *reis-de-boi* do Mateus e do Nilo. O dia seguinte, 19/07/09, se iniciou e se encerrou com os grupos de trabalho apresentando os resultados das discussões e suas propostas e reivindicações relativas à salvaguarda do patrimônio cultural quilombola.

A metodologia pela qual desenvolvemos a programação e o tema - “memória e transmissão do patrimônio cultural” - foi comum a todas as oficinas que realizamos nos espaços de escolas e igrejas das comunidades quilombolas do Sapê do Norte. Os encontros se iniciavam sempre com as apresentações dos participantes. Em seguida a equipe estabelecia considerações dialogadas com as pessoas presentes sobre a importância do registro da memória social para a identidade e a cultura da comunidade. Essas considerações eram feitas sempre com a apresentação dos resultados da pesquisa, usando, para tanto, fotos de atividades produtivas, de celebrações festivas, de integrantes das próprias comunidades e de objetos estimuladores das lembranças dos participantes. Ainda fez parte da programação de todas as oficinas realizadas nas comunidades a exibição do vídeo-documentário em um telão com a medida de 12 metros quadrados. Após as exibições havia os comentários e os debates sobre o vídeo. Em algumas comunidades realizamos oficinas onde seus integrantes expressavam suas lembranças sobre as canções e os modos da fabricação da farinha, dos beijus, dos biscoitos de polvilho (em São

Cristóvão) e da cocada (em Palmitinho). Em três dessas comunidades (Linhaquinho, São Cristóvão e Nova Vista) contamos com a participação do mestre de capoeira Luiz Mauro Pinheiro, conhecido como mestre Militão, que preparou o arranjo sonoro do berimbau para a trilha do vídeo “Reis Quitumbis” e que nessas comunidades, que já tinham uma experiência com a arte da capoeira, falou sobre sua proposta do “Berimbau ecológico”¹ para as comunidades quilombolas. Todas as oficinas, desde a mais ampla realizada em Conceição da Barra, foram finalizadas sempre com o levantamento de propostas e debates acerca do que os participantes gostariam que fosse escrito na cartilha de educação patrimonial.

¹ A presente proposta consiste em os alunos de capoeira das comunidades quilombolas cultivarem, em seu território, a árvore da beriba que serve como matéria prima para a fabricação do berimbau e das paredes de pau-a-pique dos quitungos (casas de farinha). O beimbau é um instrumento musical de uma única corda empregado na roda de capoeira.

II – IDENTIDADE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL QUILOMBOLA

Acho que nós devemos nos preocupar com a falta de posicionamento daqueles quilombolas que ainda não sabe que são quilombolas (Elda dos Santos - Miúda. Conceição da Barra, 18/07/09).

Nas diversas oficinas realizadas nas comunidades, para ilustrar o tema da transmissão do patrimônio cultural, além da apresentação do vídeo, procuramos destacar e exibir as imagens fotográficas que mostravam as crianças e os jovens envolvidos nas atividades das casas de farinha e nas apresentações dos grupos de *reis-de-boi* e dos *bailes dos congos*. Em Linharinho e em Roda D'água, por exemplo, fotografamos as crianças observando, brincando, ajudando nas atividades, atendendo a alguma solicitação dos mais velhos e aguardando o beiju sair do forno para consumi-lo. Essas fotos foram exibidas não apenas nessas duas comunidades, mas também nas demais para deixar bem demarcada a importância da transmissão do patrimônio cultural.

Na oficina de 18 e 19 de julho, em Conceição da Barra, iniciamos as atividades da parte da tarde com um debate mediado pela pedagoga e advogada Nelma Gomes Monteiro, com o título “As questões quilombolas entre o formal e o real: resistências e diálogos”. No aspecto formal enfatizou-se as legislações pertinentes ao assunto. A mediadora do debate trabalhou, também, que a dimensão da resistência está intimamente relacionada à falta e à necessidade de diálogos. Estabeleceu relações entre os formatos dos mapas da África e do Brasil, estabelecendo uma discussão, a partir daí, sobre a origem dos antepassados dos afro-brasileiros com a instituição do tráfico negreiro. Disso resultou a similaridade fenotípica entre negros brasileiros e negros africanos. A palestrante defendeu que havia motivações econômicas e culturais que sustentaram, por quase quatrocentos anos, o tráfico e a escravização dos africanos no Brasil, visto que os africanos já dominavam as técnicas da extração de fundição de metais, da agricultura e da criação de gado. A palestra focalizou, ainda, a origem africana do

café, na Etiópia, e os poucos incentivos da retomada desta prática produtiva entre os descendentes dos africanos no Brasil.

Sobre a temática do café, alguns quilombolas já se interessaram pelo assunto e passaram a interagir com a palestrante. Valentim Pereira, do *reis-de-boi* da comunidade de Palmitinho, toma a fala e afirma que por meio de amigos e parentes de sua comunidade, chegou à conclusão que a origem do café está na Etiópia, onde teria sido descoberto pelas cabras. Contudo, afirma que não tem elementos suficientes para afirmar a veracidade dos relatos de seus amigos. Kátia dos Santos (da comunidade Divino Espírito Santos) destaca as mudanças na economia dos quilombolas, principalmente do café que foi modificado geneticamente e atualmente não tem definição, sendo chamado de clonal. Destacou primeiramente a substituição dos referenciais dos africanos nos cultivos tradicionais do café para os descendentes de imigrantes italianos que vieram para o Estado do Espírito Santo a fim de trabalhar no cultivo de lavouras de café. Um outro integrante de grupos de *reis-de-boi*, o mestre Antônio Nascimento, da comunidade de São Cristóvão, lembra que, quando era criança, existiam várias culturas na comunidade, dentre elas, o café e reclama das atuais lavouras que são cultivadas a partir de mudas criadas por tecnologias de laboratórios, levando os trabalhadores a perderem o controle das sementes e das incidências de pragas. Outro mestre de *reis-de-boi*, Luiz dos Santos, da família dos Laudêncios, destaca a ausência de recursos para investir nas atividades produtivas dos quilombolas e defende a diversificação das culturas (café, coco, mandioca, pimenta, etc.) para que possam ter uma melhor condição de vida.

Ainda na dimensão formal, a mediadora do tema focalizou a existência de direitos na atualidade para negros num país que tem a segunda maior população negra do mundo, mas que no plano da realidade não são cumpridos. Um dos exemplos de tal afirmação foi apresentado pela palestrante acerca da lentidão para se cumprir o que está prescrito no artigo 68 dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o que está formalizado pelo Decreto 4.887/2003 que estabelece as normas de regularização dos territórios quilombolas, não deixando de mencionar as tentativas do DEM

(Partido Democratas) de acusar o mesmo Decreto de inconstitucional. Duas lideranças quilombolas, Domingos Firminiano dos Santos (Comunidade do Angelim do Meio) e Elda Maria dos Santos (Comunidade de Linharinho), passam a interagir e reafirmam a morosidade dos processos de regularização e titulação dos territórios das comunidades quilombolas junto aos órgãos estatais que têm a competência para tanto. Essas lideranças afirmaram a necessidade de lutar para que os direitos das comunidades quilombolas sejam implementados.

O mestre Tertolino Balbino levanta a questão sobre o significado do termo quilombola, porque, segundo ele, em outros momentos que nos concedeu entrevista, o quilombola é o mesmo negro ou afro-brasileiro. Neste momento, a palestrante Nelma Gomes Monteiro passa a palavra para o antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira que faz uma breve explanação sobre o conceito, mas este afirmou que o mais importante é o significado do termo para os representantes das comunidades que estavam presentes na oficina. Osvaldo explica o significado do conceito no tempo da escravidão e sua re-significação pelas lideranças dos movimentos quilombolas e as discussões geradas pela Constituição Federal de 1988. Além disso, falou do significado de quilombo para alguns povos africanos, pois, o termo “*kilombo*” vem do “*Quimbundo*”, língua que era falada pelos povos africanos que viviam onde atualmente estão países como Congo e Angola. Os significados de “*kilombo*” faziam referências às diversas formas de organização, entre elas as sociais, políticas, econômicas e militares dos africanos. No Brasil, até cerca de 100 (cem) anos atrás, o termo quilombo era atribuído aos africanos e seus descendentes que resistiam à escravização por meio da formação de agrupamentos autônomos e que se recusavam a trabalhar como escravizados nos domínios dos senhores.

Após a breve exposição acima, Tertolino conclui: *Quer dizer então que quilombola vem de quilombos*. Em complementação, Domingos Firminiano dos Santos (o popular Chapoca) afirma: *O que diferenciava as comunidades quilombolas dos demais escravos é que as comunidades quilombolas não trabalhavam para os senhores e nem para o mercado*. Para Chapoca, *o quilombo é considerado um lugar de fraternidade*. Ainda sobre os quilombos, Elda Maria dos

Santos (Miúda) diz para Tertolino que há muitos anos existiu o quilombo do Negro Rugério no Sapê do Norte e pergunta ao mesmo mestre se o fato de não haver *brancos* em seu grupo de ticumbi não se devia ao fato de os seus integrantes virem das comunidades quilombolas. A esse respeito, Tertolino acrescenta, fazendo a ressalva, que o fato de não haver brancos em seu grupo não se deve a nenhum tipo de racismo, mas *porque assim reza a tradição*. Uma outra integrante da Comissão Quilombola do Sapê do Norte, Olindina Serafim Nascimento, faz questão de dizer que *o quilombo é o lugar onde os escravizados ou os ex-escravizados exerciam sua liberdade*. A *festeira* de São Benedito, Selma Dealdina, afirma que o termo quilombo era utilizado nas comunidades da região do Sapê do Norte pelo padre zairense Rufino Wayai desde meados da década de noventa do século XX, quando se iniciou a popularização da palavra se referindo às comunidades negras do norte do Estado do Espírito Santo. Antes disso, segundo a mesma festeira, a palavra era usada apenas para se referir ao quilombo do Negro Rugério em Santana, apesar de, por essa época, ainda não estar disseminado.

A antropóloga Lídia Celestino Meireles finalizou complementando a fala das lideranças quilombolas, pois, segundo ela, antes do movimento quilombola se apropriar simbolicamente do quilombo, o termo estava carregado de um tom “pejorativo”, mas ao ser re-significado ampliou suas possibilidades privilegiando-se uma leitura mais “positiva”.

Nelma conclui a discussão sobre o papel político da positivação da identidade dos quilombos. Estimula reflexões a respeito desta identidade, dizendo que para tanto as escolas e as igrejas têm papéis muito importantes na construção de uma imagem de auto-estima para as crianças quilombolas. Destaca a necessidade de contar com o apoio dessas e de outras instituições sociais e políticas para a afirmação da identidade e da beleza negra, que não significa a criação de guetos e de hostilidades entre brancos e negros, pois, é preciso contar com o apoio de todos os povos para combater o racismo e o preconceito.

Depois desta conclusão da palestrante, a *festeira* quilombola de São Benedito, Selma Dealdina, lembra que oito bispos da CNBB (Conferência Nacional

dos Bispos do Brasil) elaboraram e assinaram uma carta e a enviaram ao Governo Brasileiro solicitando agilidade na regularização dos territórios quilombolas. Essa carta, segundo a *festeira*, deveria ser disseminada no movimento e nas comunidades quilombolas.

Ainda no que concernem as oficinas de memória e educação patrimonial nas escolas, a maior parte das lembranças reportavam à fabricação de farinha e aos festejos dos grupos de *reis-de-boi*. Na comunidade de São Cristóvão, no município de São Mateus, ao trabalhar com a memória da comunidade sobre seu patrimônio cultural, sugeriram as canções abaixo do grupo de *reis-de-boi* ali existente. Essas canções compõem os festejos que acontecem no decorrer do ciclo natalino e os grupos de *reis-de-boi* dedicam suas homenagens a Jesus Cristo e aos Reis Magos – Santos Reis - que foram visitar o Menino Jesus. O verso a seguir lembra as festas que acontecem sempre à noite e a homenagem aos Santos Reis.

*Oh! Que noite tão bonita
Oh! Que salão iluminado
Santos Reis 'tá lá no céu
Hoje aqui 'tá festejado.*

As diversas festas dos quilombolas ocorrem sempre à noite, mesmo quando não é mais necessário ocultar os eventos festivos das perseguições das autoridades que no passado perseguiam as festas desses agrupamentos. Ao que tudo indica ocorreu uma associação na simbologia da noite entre o tempo em que os Reis Magos seguiram a Estrela Guia para visitar o Menino Deus recém nascido e o tempo disponível que, no passado, os negros tinham para se encontrar, reunir, festejar, comer e beber.

*Eu pedi as três Marias
Numa noite de luar
Ao Santo Jesus Cristo
Sem nunca poder olhar.*

*Ele não está só em Belém
Ele está em todo lugar*

*Quem dera Deus nascido
Em lençol de ouro a brilhar.*

*Para dar exemplo ao mundo
foi nascer tão glorioso
Senhora dona da casa
Deus lhe dê uma boa noite.*

*E agora vamos cantar o Reis
Como se cantasse hoje
Senhora Virgem Maria
E Santos Reis também
Venha-nos cantar o Reis
Para todo sempre amém.*

Além da dimensão religiosa, as canções dos *reis-de-boi* versam, também, situações românticas que podem ocorrer aos dias ensolarados ou enquanto caem os serenos da noite.

*Eu queria estar nos braços desse moreno (bis).
Tomando pingo de chuva, tomando sol e sereno (bis).
Eu queria estar nos braços desse moreno (bis).
Tomando pingo de chuva, tomando sol e sereno (bis).
Eu vou-me embora, não digo adeus a ninguém.
Quem me conhece não chora, aqueles que quero bem.
Eu queria estar nos braços desse moreno (bis).
Tomando pingo de chuva, tomando sol e sereno (bis).*

As canções retratam, também, as relações injustas entre capital e trabalho no universo das fazendas criadoras de gado do meio rural.

*Esses homens fazendeiro²
**Faz a conta em dezembro,
tira a prova em janeiro (bis).**
Esses homens fazendeiro
Que tem fazenda de gado
Na fazenda não fica vaqueiro
Esses homens fazendeiro
Que tem fazenda de gado
Na fazenda não fica vaqueiro.*

² A letra desta canção foi transcrita tal como cantam os integrantes da comunidade São Cristóvão.

Segundo os moradores de São Cristóvão, *a música é uma denúncia das coisas erradas que acontecem nas fazendas. O vaqueiro não fica ali porque tem alguma coisa errada*. Afirmam que o trabalho dos vaqueiros não é valorizado e ao reclamarem aumento salarial, os mesmos são dispensados pelos fazendeiros.

Na memória da cultura do *reis-de-boi* dos moradores de São Cristóvão se canta a honra social, a moralidade e o crédito do *vaqueiro* nos comércios da região por onde andava. As memórias dos rituais dos *reis-de-boi* relembram as cenas da precariedade sócio-econômica do *vaqueiro* nas fazendas, situacionalmente e contextualmente atualizadas na vida atual dos quilombolas que trabalham recebendo salários mínimos e menos do que esse valor nas fazendas e grandes empreendimentos que se localizam na extensão territorial do Sapê do Norte.

*O meu vaqueiro é um homem acreditado
Se ele tem dinheiro compra
Se não tem compra fiado
Ele vai pra Campo Verde
Ele acorda de madrugada
Ôh! Lira, ôh! Lirá, meu botão de bugaína
Minha flor de rosetá
Ôh! Lira, meu vaqueiro vai pro mar.*

As canções também retratam os perigos de vida enfrentados pelo grupo de *reis* ao atravessar da parte sul do Rio Cricaré para o lado norte. As festas do ciclo natalino proporcionavam encontros entre as comunidades que se encontravam de um lado e outro do rio. Em uma das travessias, com o rio cheio, ocorreu um acidente com o barco que afundou e o grupo de *reis* da comunidade de São Cristóvão perdeu uma das *figuras de bicho*, o *sauim*, que compunha o cenário da brincadeira. Por isso, ao chegar do outro lado, o mestre compôs a seguinte canção.

*Eu vi um perigo de vida Santos Reis
Quando o barco se afundou. (bis)
O povo todo se salvou, Santos Reis
Mas o sauim água levou.
O povo todo se salvou, Santo Reis*

Mas o sauím água levou.

No ano seguinte, o mestre que *astuciou* a canção acima faleceu e a comunidade de São Cristóvão, naquele ano, não ensaiou e nem apresentou o *reis-de-boi*. No segundo ano da morte do mestre, a comunidade *astuciou* a canção abaixo e ao chegar nas casas de seus parentes e amigos, cantavam:

*Senhor, eu vou te contar porque não viemos no ano passado (bis).
Pra nós foi grande tristeza, senhor
Chorei e tenho chorado
Pra nós foi grande tristeza
Chorei e tenho chorado
Chorei por que tive pena da minha companheiragem (bis)
Por quem despede desse mundo senhor!
Nesta terra não vem mais
Senhor, eu vou te contar porque não viemos no ano passado (bis).
Não vim por causa de grande tristeza senhor
Chorei e tenho chorado.*

Os grupos de *reis-de-boi*, conforme verificamos nas oficinas e no decorrer do trabalho de campo, em suas festas criam um cenário composto por figurantes que se vestem com máscaras de diversos animais. A diversidade das figuras e dos figurantes que compõem o simbolismo do reino animal recria um universo cultural e ecológico encantado e desaparecido do Sapê do Norte. O cenário dos figurinos retratados nos rituais dos *reis-de-boi* expressa um sentimento de saudade do paraíso perdido com a destruição da diversidade ecológica e a invasão da lógica cultural do mercado.

III – SUGESTÕES PARA A CARTILHA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

As lideranças denunciavam que muitas escolas que existiam nas comunidades foram desativadas e reivindicam que as mesmas sejam reformadas e reativadas. Defendem que a cultura quilombola em geral deve ser ensinada nessas e em outras escolas onde estudam seus filhos e netos. Nos debates que realizamos nas oficinas de educação patrimonial e nas propostas de elaboração de uma cartilha para tratar do assunto, as lideranças e professores disseram que a cartilha deve incluir mapas que localize a região do Sapê do Norte e nela as culturas tradicionais dos quilombolas, como as casas de farinha, os grupos de *reis-de-boi* e *bailes dos congos*. A antropóloga Lídia Celestino Meireles questionou se o termo *quitungo* era utilizado pelas comunidades e, assim como havia sido verificado na pesquisa, os participantes disseram que esse era o nome tradicional que seus antepassados usavam para nomear o lugar da fabricação da farinha e do beiju. Disseram, ainda, que gostariam que esse termo fosse utilizado na cartilha de educação patrimonial.

3.1 – SOBRE A PRODUÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA E BEIJU

- A) A cartilha deve tratar do processo de construção do território quilombola e da importância da terra para os quilombolas, pois dela se tira a sobrevivência econômica e cultural. Ela deve ressaltar os motivos da atual baixa produtividade de mandioca e falar sobre a abundância do passado.
- B) Apresentam problemas que dificultam o acesso à água e à lenha, recursos naturais extremamente necessários para salvaguarda do patrimônio cultural da produção da farinha e do beiju. Por isso, afirmam que é urgente a regularização de seus territórios tradicionais, para que possam criar uma reserva extrativista de madeira nativa onde possam extrair a lenha que

sirva de combustível nos fornos de farinha e de beiju. Solicitam, ainda, a intervenção do IPHAN para melhorar o relacionamento conturbado com os órgãos de fiscalização ambiental que perseguem os integrantes das comunidades.

- C) A cartilha deve contextualizar historicamente as comunidades quilombolas e as legislações atuais sobre essas comunidades.
- D) As professoras acrescentam que na cartilha deve constar a relação da mandioca com a África e com os descendentes de africanos no Brasil. No final deve existir um dicionário com as notas referentes à mandioca e seus derivados.
- E) Destacam que o objetivo da cartilha deve fazer com que as crianças se encontrem e se sintam representadas nela. Ela deve conter um roteiro que estimule e desperte a curiosidade das crianças, ao mesmo tempo em que envolva-as no processo de elaboração.
- F) Sugerem que suas demandas relacionadas ao processo de produção da farinha e do beiju sejam contempladas na cartilha, como as demandas por água, terra e apoio governamental.
- G) O cultivo da mandioca e a produção da farinha e do beiju como meio e fonte de sobrevivência das famílias quilombolas, que atualmente, por falta de terra, encontra dificuldade para o plantio.
- H) Constar na cartilha o modo de fazer e todo o processo de produção da farinha de mandioca e do beiju, não esquecendo os demais derivados da mandioca como a farinha de tapioca, o bolo de aipim, os biscoitos de polvilho e o bolo da mandioca puba.
- I) Enfatizar a diversidade dos tipos de farinha e de beijus, não esquecendo que o beiju mole (também conhecido como pamonha ou moqueca) tradicional é feito na folha da bananeira. Lembram que os bananais, os coqueiros e os indaiazais fazem parte do *acervo cultural do beiju*.

- J) Reforçar que os *ajuntamentos* constituem um modo de viver e pensar tradicional das comunidades quilombolas, que ainda hoje fortalecem os laços de união e de solidariedade interna.
- K) Destacar a participação das crianças nos processos culturais da produção da farinha e do beiju e das festas dos *reis-de-boi* e *baile dos congos*.
- L) Destacar para a memória das gerações futuras que os parafusos das antigas prensas eram feitos de madeira.
- M) Os mais velhos propõem que se deve ensinar que, apesar de o serviço ser pesado, nunca se deve deixar de fazer farinha e beiju, que são símbolos da fartura, expressos através da noção de *mesa cheia*. A expressão *mesa cheia* é empregada no sentido de que, com a mandioca e seus derivados, alimentam os animais e a família e, depois, os animais alimentados pela mandioca servem como alimentos para as famílias. Afirmam que da mandioca se aproveita até a água e a casca, pois enquanto a primeira serve para espantar os insetos, a segunda pode virar ração para os animais e adubo para suas lavouras.
- N) Sugerem que a cartilha deve incluir reflexões sobre a resistência dos quilombolas em suas práticas de cultivos tradicionais, pois não devem substituir a mandioca por apenas uma atividade de monocultura, dando, como exemplo, o caso de famílias que cultivam apenas o café.
- O) Enfatizar na cartilha a valorização das culturas alimentícias tradicionais nas festas e encontros, como a farinha de tapioca, os vários tipos de beiju, a batata doce, o aipim e o melado de cana-de-açúcar. Parte dessa alimentação observamos em festas e encontros no Palmitinho, nos Laudêncios, em Linharinho e no Angelim.
- P) Deve estabelecer as várias relações existentes com a farinha, como o peixe para o preparo do pirão e o dendê usado no peixe, no pirão e na farofa.

- Q) Afirmam que deve constar que existem luas e quadras próprias para o manejo da mandioca. Os saberes sobre as fases da lua e os meses adequados ao plantio devem ser contemplados na cartilha.
- R) Sugeriu-se uma oficina de ilustrações com as crianças. Essas atividades de ilustrações ocorreram com as crianças da Escola Deolinda Lages, em Santana, no dia 29/08/09, juntamente com a reunião de professores e lideranças, pois enquanto as lideranças iam lembrando de canções, crianças e jovens foram ilustrando.
- S) Constar as memórias do tempo da escravidão, sobretudo aquelas relacionadas às mulheres que trabalhavam acorrentadas na torrefação da farinha e que tinham seus bebês lançados sob os fornos pelas sinhás, por insistirem no direito de amamentá-los durante o trabalho da torrefação.
- T) A cartilha não deve apresentar um conteúdo fechado e definitivo, mas aberto a inserção de atividades que inclua posteriormente a diversidade dos saberes locais. Neste sentido, deve conter provocações e espaços em branco a serem preenchidos pelos alunos com a colaboração da memória dos pais e avós.
- U) Lembram que na cartilha devem estar incluídas as receitas da culinária e dos pratos preparados com os derivados da mandioca.
- V) Reorientando a discussão para o espaço da casa de farinha, afirmam que elas já foram conhecidas como cozinha, sendo espaços de convivência, de trocas, de festas, de encontros, de bailes e de namoro. A esse respeito, cantam a canção que lembra o uso da peneira e os namoros ocorridos na casa de farinha.

*Eu 'tava na peneira,
eu 'tava peneirando,
eu 'tava no namoro,
eu 'tava namorando.*

W) A casa de farinha era o lugar em que as mulheres se encontravam para o trabalho com a renda de bilro. Essa renda era usada na confecção da indumentária do *baile dos congos* de São Benedito. A esse respeito cantavam:

*Olê mulher rendeira
Olê mulher rendar.
Tu me ensinas a fazer renda
que eu te ensino a namorar.*

X) Na oficina de 18 e 19/07/2009 ressaltou-se a importância de o IPHAN mediar o diálogo e promover um encontro entre as comunidades tradicionais – quilombolas, pomeranos e paneleiras - para a troca de experiências relativas à educação patrimonial. Esse intercâmbio teria por objetivo estabelecer diálogos possíveis e fortalecer as reivindicações por respeito e políticas públicas. Em seguida seria promovido um encontro com os órgãos governamentais para o encaminhamento das dificuldades e dos abusos locais praticados contra os quilombolas. Neste sentido, Arquimino dos Santos, pescador e membro do *baile dos congos* de São Benedito de Conceição da Barra e da comunidade quilombola de Roda d'Água, relembra, emocionado, os abusos cometidos contra sua pessoa pelos agentes locais do IBAMA (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente), que atiraram em sua perna e ainda o forçaram a assinar uma ocorrência como se ele estivesse pescando em locais proibidos. Não contendo as lágrimas pela lembrança do ocorrido, o relato causou comoção nos participantes presentes. De tal denúncia surgiu a proposição de que as demandas e relatos sejam encaminhados aos órgãos competentes através de encontros mediados pelo IPHAN, visto que a pesca é uma atividade tradicional dos quilombolas e está associada ao patrimônio cultural da farinha de mandioca para o preparo do pirão.

Y) Que a educação patrimonial denuncie o silêncio das autoridades em relação aos crimes cometidos contra os quilombolas e defenda o direito de viver conforme suas tradições, visto que as autoridades não permitem caçar

e pescar, mas permitem que os quilombolas sejam feridos e maltratados. Por fim, uma das lideranças da comunidade São Domingos destacou que a educação patrimonial deve enfatizar que o Sapê do Norte *é uma terra dos pretos e da mãe natureza* (Benedita Jerônimo. Conceição da Barra, 19/07/2009).

3.2 – SOBRE AS CELEBRAÇÕES FESTIVAS DOS GRUPOS DE REIS-DE-BOI E DOS BAILES DOS CONGOS

- A) As mesmas brincadeiras que estão no vídeo – *reis-de-boi* e *baile dos congos* - devem constar na cartilha de forma mais detalhada.
- B) Descrever que os ensaios do baile dos congos ocorrem por dois meses sempre aos sábados durante a noite toda.
- C) Nos ensaios sempre tem o café como bebida e algum tipo de massa para servir de alimentos. Nos ensaios gerais sempre tem um jantar.
- D) O jantar do ensaio geral do *baile dos congos* de São Benedito do Bongado é feito em forma de *mutirão*, onde cada integrante contribui com algum tipo de alimento.
- E) Nas apresentações dos grupos de *reis-de-boi*, sobretudo nos grupos dos Laudêncios, do Nilo e do Palmitinho, ainda tomam o café e conhaque com gengibre como bebida. Se alimentam com farinha de coco, farinha de amendoim, canjica de milho, muchá e arroz de coco.
- F) Acrescentar que a sanfona sempre foi um instrumento usado nas festas dos grupos de *reis-de-boi*, principalmente quando as festas duravam a noite inteira.

- G) Todos afirmam que brincam por devoção a São Benedito e aos Santos Reis e não por dinheiro. Nisto afirmou Ângelo Camillo, mestre do *Baile dos congos* do Angelim Porto dos Tocos: *Uma devoção não se troca por dinheiro nenhum.*
- H) Propõem a retomada pelas comunidades das rezas de ladainha para reforçar entre os jovens o sentido devocional das *brincadeiras* que estão associadas a ela.